



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

**PERMANECER NA PÓS-GRADUAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES
INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

Thaís de Negreiros Sales

Manaus – AM
Fevereiro, 2023

Thaís de Negreiros Sales

**PERMANECER NA PÓS-GRADUAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES
INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

Monografia de Graduação apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do grau de Psicólogo – Bacharelado em Psicologia.

Orientador(a)

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Faculdade de Psicologia - FAPSI

Manaus-AM

Fevereiro, 2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S163p Sales, Thais de Negreiros
Permanecer na pós-graduação: a trajetória de estudantes indígenas na Universidade Federal do Amazonas. / Thais de Negreiros Sales . 2023
34 f.: 31 cm.

Orientador: Marcelo Gustavo Aguilar Calegare
TCC de Graduação (Psicologia - CH Formação do Psicólogo) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. indígena. 2. permanência. 3. pós-Graduação. 4. ações afirmativas. I. Calegare, Marcelo Gustavo Aguilar. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Monografia de Graduação sob o título Permanecer na pós-graduação: a trajetória de estudantes indígenas na Universidade Federal do Amazonas apresentada por Thaís de Negreiros Sales e aceita pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo aprovada por todos os membros da banca examinadora abaixo especificada:

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

Orientador(a)

FAPSI

UFAM

Psicóloga Geana Batista Luciano

PPGPSI/FAPSI

UFAM

Psicóloga Jeicy Hellen Pereira dos Santos

PPGPSI/FAPSI

UFAM

Manaus-AM, dezesseis de fevereiro de 2023.

Dedico este trabalho a todas e todos que fizeram parte da minha história e a todas as pesquisadoras que continuam ou sonham em fazer ciência no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A efetivação desta caminhada no curso de Psicologia não se restringe aos 6 anos de curso, mas ao emaranhado de experiências, emoções, encontros e desencontros durante este tempo. Devido a isso, deixo registrado minha eterna gratidão a grandes alicerces que tive. Primeiramente agradeço a minha mãe, Luizene Negreiros, que me abrigou em seu ventre, lutou como mãe solo para que eu pudesse ter oportunidades e me incentivou nesta caminhada de ser pensante, ser intelectual. Agradeço a todos os meus guias não humanos que me protegem e colocam seres iluminados em minha vida. Agradeço ao companheirismo infinito de minha amiga Adria Pacífico, agradeço ao meu Pedro Brasil que sempre me incentivou e me compreendeu em momentos turbulentos e calmos. Agradeço as amigas de grandes mulheres que esta jornada me deu e que para sempre irei admirá-las: Ana Vale, Annelise Rodrigues, Brenda Lopes, Clara Nogueira, Gabriela Barroso, Marília Santos e Karen Ribeiro. Agradeço aqueles que são a minha fonte de vida. Meu sobrinho, Lucas Negreiros e meu sobrinho de coração, Liam Lee. Agradeço imensamente essa pessoa que me inspira, me incentiva e que sempre me deu oportunidades para que eu me aventurasse na vida acadêmica, abrindo meus caminhos. Meu eterno orientador, Marcelo Calegare. E por último agradeço ao Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, a Faculdade de Psicologia, ao Procad/Amazônia e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelas oportunidades e grandes experiências que me proporcionaram. Gratidão a todas e todos.

“Ao ler o texto de Quijano, senti um deslocamento, uma vertigem labirintítica que ainda hoje revisito e reencontro na busca de melhor compreender a vida dos povos latino-americanos”

(GOLÇALVES, 2019, p. 27)

Bruno Simões Gonçalves

Permanecer na pós-graduação: a trajetória de estudantes indígenas na Universidade Federal do Amazonas

Autor: Thaís de Negreiros Sales

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

RESUMO

Através de reivindicações e políticas de ações afirmativas, cada vez mais os povos indígenas têm ingressado no ensino superior. Como recorte desse processo, esta pesquisa pretendeu investigar e compreender os motivos de permanência dos indígenas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Para isso, foram realizadas 7 entrevistas com os estudantes indígenas e com as secretarias dos programas de pós-graduação aos quais pertencem, seguindo todos procedimentos éticos, com posterior transcrição e análise de conteúdos segundo Bardin. Os resultados indicam a complexidade e dificuldade de ser universitário indígena, a necessidade de mudanças nas estruturas acadêmicas e programas. É necessário compreender, registrar e entender cada realidade para realizar ações pontuais e efetivas.

Palavras-chave: Indígena. Permanência. Pós-graduação. Ações afirmativas.

Staying in graduate school: the trajectory of indigenous students at the Federal University of Amazonas

Author: Thaís de Negreiros Sales

Advisor: Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

ABSTRACT

Through claims and affirmative action policies, more and more indigenous peoples have entered higher education. As part of this process, this research intended to investigate and understand the reasons for the permanence of indigenous people in the Graduate Programs of the Federal University of Amazonas. For this, 7 interviews were carried out with indigenous students and with the secretariats of the postgraduate programs to which they belong, following all ethical procedures, with subsequent transcription and content analysis according to Bardin. The results indicate the complexity and difficulty of being an indigenous university student, the need for changes in academic structures and programs. It is necessary to understand, record and understand each reality in order to carry out timely and effective actions.

Keywords: Indigenous, Permanence, Postgraduated training. Affirmative actions.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| <u>Tabela 1. Alunos ativos.</u> | 16 |
| Tabela 2 - Programas de Pós-Graduação | 17 |
| Tabela 3 - Perfil dos alunos | 19 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PROLIND – Programa de Licenciatura Intercultural Indígena

REUNI – Programa de Apoio a Planos e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

PROUNI – Programa Universidade para Todos

MEC – Ministérios da Educação

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

PPG – Programa de pós-graduação

E-SIC – Sistema de informação ao Cidadão

DPA - Departamento de Políticas Afirmativas

PPGBionorte - Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte

PPGECAM - Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais

PPGCIFA - Ciências Florestais e Ambientais

PPGAS – Antropologia Social

PPGCASA – Ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia

PPGEOG – Geografia

PPGH – História

PROFILO - Mestrado Profissional em Filosofia

PROFMAT – Mestrados Profissional em Matemática em Rede Nacional

PPGQ – Química

PPGZool – Zoologia

PPGATR – Agronomia Tropical

PPGCARP – Ciência Animal e Recursos Pesqueiros

PPGE – Educação

PPGSEA - Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia

PPGEC- Engenharia Civil

PPGFIS – Física

PPGECM - Ciência e Engenharia de Materiais

PPGE – Engenharia Elétrica

PPGECIM - Ensino de Ciência Matemática

PPGECH – Ensino de Ciências e Humanidade

PPGL – Letras

PPGCIAMB – Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais

PPGSCA - Sociedade e Cultura na Amazônia

PPGCIS - Ciência da Saúde

PPGCF - Ciências Farmacêuticas

PPGRACI – Cirurgia

PPGDIR – Direito

PPGEP – Engenharia de Produção

PPGIBA – Imunologia Básica e Aplicada

PPGM – Matemática

PPFROFNIT – Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação

PPGCA – Ciências Ambientais

PPGiMH – Ciências do Movimento Humano

PPGCTRA – Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos

PPGD – Design

PPGENF-MP – Enfermagem no Contexto Amazônico

PPGEO – Geociências

PPGI – Informática

PPGO – Odontologia

PPGPSI – Psicologia

PPGSS - Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1 Introdução | 14 |
| 1.1 Contextualização ou Definição do problema | 14 |
| 1.2 | Objetivos |
| 15 | |
| 1.2 Organização do trabalho | 16 |
| 2 Metodologia | 17 |
| 3 Resultados | 21 |
| 3.1 Seção 1 - Entrevista com os PPGs | 21 |
| 3.2 Seção 2 - Entrevista com os alunos indígenas | 22 |
| 4 Considerações finais | 31 |
| Referências | 36 |

1 Introdução

Em nome do avanço rumo à modernidade, povos europeus colonizaram o território que hoje é denominado Brasil, transmutando as relações sociais em relações hierárquicas escravizando os corpos de forma física, mental e social. Devido ao tamanho impacto que isso gerou nas populações originárias do território, o Estado brasileiro ainda segue buscando alternativas as relações hierárquicas estabelecidas ao longo de sua formação como é o caso das ações afirmativas que têm como objetivo combater as diferentes formas de exclusão, desigualdade e discriminação (ANGNES ET AL., 2017; FERES JR; DAFLON, 2015; GODOY; BAIRRÃO, 2016; MOURA; TAMBORIL, 2018).

O percurso feito pelo Brasil tem seu marco caracterizador na Conferência de Durban em 2001 em que foi discutido a importância de ações afirmativas. A partir disso foram desenvolvidos diversos projetos de inclusão na educação para grupos marginalizados, como: Diversidade na Universidade em 2002 (DAVI ET AL., 2013) o Programa de Licenciatura Intercultural indígena (PROLIND), EM 2005, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2007, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), em 2012 (UFAM, 2014) e em 2013 o Ministério da Educação (MEC) criou a Bolsa Permanência (BERGAMASCHI ET AL., 2018).

As ações afirmativas podem ser aplicadas de diferentes formas. No ensino superior podem ser realizadas por cotas ou bônus que promovem a entrada de representantes de grupos historicamente excluídos (DAL BÓ, 2018). Um desses grupos que têm direito às ações afirmativas são os povos indígenas de diferentes etnias que possuem diferentes e diversas cosmologias, relações culturais e sociais (PEREIRA ET AL., 2020) mas que têm em comum a exploração da natureza, dos saberes e do ser indígena que impacta diretamente a forma como vivem (VIANA; MAHEIRIE, 2017).

Por serem reparatórias, as ações afirmativas devem acontecer de forma integrada em conjunto com outras melhorias no sistema educacional e na sociedade para que não precisem se estender por longos períodos. Portanto, as ações afirmativas foram pensadas para serem pontes que intermediam as mudanças sociais. E foram através das reivindicações dos movimentos sociais e das ações afirmativas que os povos indígenas puderam ingressar no ensino superior público (ANGNES ET AL., 2017).

Uma das formas do acesso ao ensino superior público pelos povos indígenas foi através da lei nº 12.711/2012, conhecida como a lei de cotas, que tem por objetivo combater

exclusões históricas (MOURA; TAMBORIL, 2018). Sendo as cotas uma das modalidades de ações afirmativas que permite que os estudantes representem seus povos na ocupação desse espaço enquanto alunos e cientistas difundindo seus próprios saberes e na construção de interculturalidade entre os saberes de seu povo e da universidade (CALEGARE ET AL., 2017; FERNANDES ET AL., 2021), e, na luta por direitos coletivos (VIANA; MAHEIRIE, 2017).

Diante desse cenário, apesar do ingresso ao ensino superior ser crucial, esta etapa faz parte de uma trajetória que deve ser considerada de forma total. O sustento do início e fim deste processo é a permanência no curso. E não apenas permanecer, mas permanecer com qualidade, como apontam diversas pesquisas científicas que têm como fonte de informação o relato de estudantes indígenas (BELTRÃO; CUNHA, 2011; BERGAMASCHI ET AL., 2018; CASSANDRE ET AL., 2016; CALEGARE ET AL., 2017; DAVI ET AL., 2013).

1.1 Contextualização ou definição do problema

A ocupação por direito do espaço acadêmico é estratégico para o desenvolvimento dos povos indígenas diante um estado normalizador e para a apropriação da ciência ocidental (CALEGARE ET AL., 2017; FERNANDES ET AL., 2021). Apesar de acessarem a graduação, são poucos indígenas que dão continuidade a sua formação acadêmica, ingressando na pós-graduação. Além disso, ainda são poucas os trabalhos acadêmicos que avaliam as ações afirmativas nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) seja no ingresso, na permanência ou na conclusão (PEREIRA ET AL., 2020)

Os trabalhos de Calegare et al. (2017), Dal Bó (2018), Pereira et al. (2020), e Venturini e Feres Jr. (2020) apontam a permanência estudantil como crucial na trajetória para formação acadêmica. Além disso, os estudos que avaliam as ações afirmativas na Pós-Graduação se concentram na área de Antropologia e Sociologia, havendo escassez de estudos da área de Psicologia (OLIVEIRA ET AL., 2020)

O ingresso de estudantes indígenas no ensino superior não eliminou os problemas de inclusão que enfrentam. Permanecer ainda é fonte de sofrimento psíquico (HERBETTA; NAZARENO, 2020), o aluno indígena se depara com situações que ainda não tinha refletido quando foi incentivado a cursar o ensino superior, como, por exemplo, não ter recursos financeiros para se manter na universidade (OLIVEN; BELLO, 2017).

As desigualdades que enfrentam não se restringem ao econômico, mas também são de natureza cultural e social, sendo necessário investigar e compreender como se dá e como se estabelece a relação psicossocial do estudante indígena com a cultura ocidental que constitui a

própria universidade (ANGNES ET AL, 2017). Sendo esta cultural geradora de hierarquias e sofrimentos através da colonialidade (HERBETTA; NAZARENO, 2020).

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), as cotas a nível de pós-graduação stricto sensu têm sido adotadas a partir da resolução nº 010/2016-Consepe, com ações afirmativas na modalidade de vagas complementares e bolsas e outros incentivos de permanência para pretos, pardos e indígenas. Ficando a critério do PPG adotar as cotas entre 20% e 50% (UFAM, 2016). O estudo de Calegare et al. (2017) com estudantes indígenas de pós-graduação mostrou que da mesma forma que os alunos sentem interesse em ingressar nos PPGs ficam receosos quanto a receptividade e valorização que o PPG dá aos povos indígenas. Buscam programas de pós-graduação que incentivem o protagonismo indígena e valorizem a complexidade dos diferentes povos indígenas. Além disso, o estudo indica que a permanência dos alunos se dá por questões de interesses indígenas, o apoio a eles pela universidade e a difusão de suas obras desenvolvidas após a formação no PPG. Os indígenas também relataram que os incentivos concedidos para permanecerem nos PPGs não cobriam todos os gastos financeiros que precisam para ficar na universidade e na cidade e os impedia de ter vínculo empregatício. Os estudantes indígenas concluíram que as ações afirmativas na UFAM não são pensadas para os povos dessa região, mas que são realizadas por conta do caráter obrigatório da lei. Em razão disso, é fundamental conhecer os motivos de permanência de estudantes indígenas nos programas de pós-graduação para que as ações afirmativas sejam avaliadas, repensadas e efetivadas através de contínuas melhorias (SARAIVA; NUNES, 2011).

Todas as informações apresentadas até o momento apontam a necessidade de estudos científicos que avaliem a permanência indígena nos PPGs da UFAM, uma vez que estes direitos não estão sendo assegurados de forma que realmente contribuam para romper com a colonialidade. Por fim, esta também é uma contribuição para o desenvolvimento da Psicologia junto aos povos indígenas, pois é a partir de uma Psicologia Libertadora, que está em constante prática desideologizadora, adotando perspectivas dos povos oprimidos, desenvolvendo pesquisas e diálogos que retratem a realidade desses povos que é possível construir alternativas para a libertação popular (MARTÍN-BARÓ, 2017). Este trabalho de conclusão de curso tem capacidade de desenvolver novos horizontes para melhorias de inclusão na Faculdade de Psicologia assim como abertura para diálogos interculturais críticos e o desenvolvimento de uma Psicologia Social Latino-Americana.

1.2 Objetivos

- Objetivos gerais – Investigar e analisar os motivos de permanência dos indígenas nos

PPGs da UFAM.

- Objetivos específicos – Levantar os dados sobre os estudantes indígenas de pós-graduação junto aos PPGs.

Conhecer as perspectivas que os estudantes de pós-graduação têm sobre sua permanência nos seus respectivos cursos.

Compreender as estratégias que os estudantes desenvolveram para permanecer nos PPGs.

1.3 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado da seguinte forma: 2. Metodologia, em que serão abordados os instrumentos, os métodos e técnicas utilizados para realização deste trabalho; 3. Resultados, etapa em que será descrito e discutido as informações obtidas a partir da metodologia do trabalho; 4. Conclusão, em que será feita considerações gerais sobre a relação dos resultados e objetivos da pesquisa; Referências bibliográficas, que constará todas as referências bibliográficas utilizados neste trabalho.

2 Metodologia

A pesquisa é qualitativa, pois é possível compreender os fenômenos sociais a partir da descrição e explicação destes (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Após a aprovação no Comitê de Ética (nº CAAE: 16068819.4.0000.5020), foi solicitado às secretarias dos PPGs os dados dos estudantes para entrar em contato e convidá-los a participarem da pesquisa.

A pesquisa seguiu as normas previstas nas resoluções 466/2012 e a resolução 510/2016. Foi utilizada a entrevista semiestruturada que foi aplicada com 7 estudantes indígenas de PPGs da UFAM que estavam no início ou em conclusão dos cursos, e que eram reconhecidos pelos PPGs como indígenas, sendo cotistas ou não. As entrevistas foram realizadas no próprio Campus da universidade e posteriormente foram transcritas e feita a análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Para ser feito o contato inicial com os estudantes indígenas recorreu-se ao Sistema de Informação ao Cidadão (e-sic) em que foram solicitadas as informações de estudantes indígenas nos PPGs da UFAM. O pedido foi respondido com uma lista de alunos indígenas de pós-graduação da UFAM feita pelo Departamento de Políticas Afirmativas (DPA) da própria universidade. A lista apresentava alunos da modalidade *strictu sensu* e *lato sensu* de diferentes anos. Foram escolhidos os cursos *strictu sensu* com o ingresso a partir do ano de 2016 até o ano em que a pesquisa de campo foi realizada, até 2019.

Tabela 1 – Alunos ativos

| Alunos ativos | |
|-----------------------------|-----|
| 2004 a 2019 | 164 |
| 2005 a 2015 | 35 |
| 2016 a 2019 | 129 |
| Lato sensu (2016 a 2019) | 72 |
| Strictu sensu (2016 a 2019) | 57 |
| Total | 129 |

Fonte: Dados de Pesquisa

A lista cedida pelo DPA mencionava 23 programas de pós-graduação e 57 alunos indígenas. Dentre estes, o Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte - PPGBionorte, Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino de

Ciências Ambientais - PPGEACAM e Ciências Florestais e Ambientais - PPGCIFA não foram visitados e dois programas não receberam o convite para participarem da pesquisa, PPGEACAM e PPGCIFA. Ao todo 22 PPGs foram contactados por diferentes meios (e-mail, whatsapp e/ou presencialmente) para que a secretaria confirmasse se o aluno que constava na lista pelo DPA era indígena. Se a resposta fosse afirmativa, responderia algumas perguntas e disponibilizaria o contato do aluno. O PPG em Antropologia Social (PPGAS) disponibilizou uma lista própria com as informações dos alunos indígenas pós-graduandos.

Em conjunto com a lista também entramos em contato com as secretarias dos 36 PPGs que estavam no catálogo da UFAM (UFAM, 2020) e mais 6 secretarias de PPG que não estavam listadas. As informações obtidas foram: 8 PPGs com 11 alunos declarados como indígenas mas que as secretarias dos PPGs afirmaram ser de outra etnia; 6 PPGs com 27 alunos indígenas confirmados pela secretaria e a lista cedida pelo DPA; 5 PPGs com 8 alunos declarados indígenas mas que as secretarias não souberam informar; 8 PPGs que não responderam a pesquisa; e, 19 PPGs que não participaram por não constarem ter alunos indígenas na lista do DPA e em outros registros do próprio PPG. Os alunos estão sinalizados com a letra M são alunos de mestrado, com a letra D são alunos de doutorado e “sem confirmação” são alunos que não eram indígenas mas não tiveram suas etnias confirmadas pelos PPGs (tabela 2).

Tabela 2 - Programas de Pós-Graduação

| | PPGs |
|--------------------------|--|
| Com alunos não indígenas | Ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia - PPGCASA (M=1 amarela); Ciências Florestais e Ambientais - PPGCIFA (M=1 pardo); Geografia - PPGEOG (M=2 pardo, sem confirmação); História - PPGH (M=1 sem confirmação); Mestrado Profissional em Filosofia - PROFILO (M=1 sem confirmação); Mestrados Profissional em Matemática em Rede Nacional - PROFMAT (M=2 sem confirmação); Química - PPQ (D=2 pardos); Zoologia - PPGZool (M=1 pardo) |
| Com alunos indígenas (6) | Agronomia Tropical - PPGATR (D=1); Antropologia Social - PPGAS (D=6; M=13); Ciência Animal e Recursos Pesqueiros - PPGCARP (M=1); Educação - PPGE (D=3; M=1); Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia - PPGSEA (M=1); Engenharia |

| | |
|--|---------------------|
| | Civil - PPGEC (M=1) |
|--|---------------------|

Fonte: Dados de Pesquisa

Tabela 2 - Programas de Pós-Graduação

(continua)

| | |
|---------------------------|--|
| Não souberam informar (5) | Física - PPFIS (M=1); Ciência Animal e Recursos Pesqueiros - PPGCARP (M=1); Mestrado Profissional em Matemática Rede Nacional - PROFMAT (M=3); Química - PPGQ (D=2); Zoologia - PPGZool (D=1) |
| Não responderam (8) | Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte - PPGBIONORTE (D=1); Ciência e Engenharia de Materias - PPGECM (M=1); Engenharia Elétrica - PPGE (M=1); Ensino de Ciência Matemática - PPGECIM (M=1); Ensino de Ciências e Humanidade - PPGECH (M=1); Letras - PPGL (M=2); Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais - PPGCIAMB (M=6); Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA (D=1;M=1) |
| Não participaram (19) | Biotecnologia - PPGBIOTEC; Ciência da Saúde - PPGCIS; Ciências Farmacêuticas - PPGCF; Cirurgia - PPGRACI; Direito - PPGDIR; Engenharia de Produção - PPGEP; Imunologia Básica e Aplicada - PPGIBA; Matemática - PPGM; Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação - PPGROFNIT; Ciências Ambientais - PPGCA; Ciências do Movimento Humano - PPGiMH; Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos - PPGCTRA; Design - PPGD; Enfermagem no Contexto Amazônico - PPGENF-MP; Geociências - PPGEO; Informática - PPGI; Odontologia - PPGO; Psicologia - PPGPSI; Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia - PPGSS |

Fonte: Dados de Pesquisa

A busca ativa pela confirmação dos alunos indígenas dos PPGs não coincidia com as informações cedidas pelo DPA via e-sic. O que reafirma o não alinhamento do sistema informacional da universidade e a falta de informação das secretarias dos PPGs sobre seu

corpo discente, algo já constatado na pesquisa de Calegare et al. (2017).

Com a confirmação dos 6 PPGs com alunos indígenas (ver tabela 2), confirmamos a presença de 27 alunos indígenas no fim do ano de 2019. Sendo 17 deles alunos de mestrado e 10 alunos de doutorado. Feito o convite para a participação da pesquisa, apenas 7 estudantes aceitaram participar, provenientes de dois PPGs: PPGAS e PPGE.

Tabela 3 - Perfil dos Alunos

| Região | Etnia | Idade | Nível | PPG |
|-----------------|-------------|-------|------------|-------|
| Alto Rio Negro | Tuyuca | 59 | Doutorando | PPGAS |
| Alto Rio Negro | Tukano | 47 | Doutorando | PPGAS |
| Alto Rio Negro | Bará | 43 | Doutorando | PPGAS |
| Médio Rio Negro | Munduruku | 29 | Doutorando | PPGE |
| Peru | Yahua | 43 | Mestrando | PPGAS |
| Maués | Sateré-Mawe | 35 | Mestrando | PPGAS |
| Alto Rio Negro | Tariana | 32 | Mestranda | PPGAS |

Fonte: Dados de Pesquisa

Após a realização das entrevistas e transcrição das mesmas foi feita a análise de conteúdo seguindo os seguintes aspectos: pré-análise (leitura flutuante e categorias iniciais), exploração do material (a tradução de trechos em unidades temáticas e categorias) e inferências e interpretações para construção dos resultados finais.

3 Resultados

Algumas dificuldades encontradas na ida a campo foram a falta de informação das secretarias dos PPGs, o acesso a eles por conta da precária e escassa sinalização e a ausência de responsáveis nos PPGs. Os alunos que não participaram da pesquisa não tinham interesse na temática ou estavam em cidades do interior não sendo possível comparecer às entrevistas presenciais.

3.1 Seção 1 - Entrevistas com os PPGs

Após o contato inicial com os PPGs apresentando a pesquisa, solicitamos que estes que confirmassem ter alunos indígenas respondessem algumas perguntas:

1. Qual a quantidade de estudantes indígenas matriculados, desde 2016, por ano de ingresso?

O PPGCIPET, PPGSEA e PPGENC possuem 1 aluno. O PPGATR relatou que não faz levantamentos pois não há solicitações.

2. Qual a quantidade de alunos que entraram pelas cotas?

Apenas 1 aluno do PPGATR e PPGENC. O PPGENC salientou que tiveram apenas este aluno inscrito desde a implementação das cotas nos PPGs.

3. Há política de permanência exclusiva para indígenas?

O PPGSEA, PPGENC, PPGATR e PPGCIPET não têm.

4. Qual a quantidade de beneficiados e não beneficiados pela política de permanência?

Nenhum programa tinha este tipo de política.

Algumas considerações dos programas: O PPGCIPET respondeu que tinha um estudante indígena, que possuía bolsa de estudos e foi dada prioridade a ele. O PPGFIS não tinha informações sobre seus alunos, apesar de constar a autodeclaração no formulário de inscrição, alegou que não faz distinção entre grupos étnicos. O PPGE solicitou as perguntas via e-sic, o que não foi realizado. O PPGAS entregou uma lista de alunos de mestrado de 2017 a 2019 (13 alunos) e de doutorado de 2016 a 2019 (6 alunos). O programa possui o próprio edital para ingresso de estudantes indígenas e as bolsas para permanência não são exclusivas para os povos indígenas.

3.2 Seção 2 - Entrevista com os alunos indígenas

As categorias e unidades temáticas encontradas a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) foram: (I) percurso acadêmico dos alunos pós-graduandos (trajetória de escolarização; chegada na universidade; conhecimento sobre permanência); (II) enfrentamentos para permanecer universitário (dificuldades, resistência, resoluções); (III) políticas afirmativas na perspectiva dos alunos pós-graduandos (políticas institucionais; sugestões; propostas).

(I) Percurso acadêmico dos alunos pós-graduandos indígenas

Trajetória de escolarização

Trajetória de escolarização refere-se às experiências de escolarização anteriores ao

ingresso na pós-graduação. A maioria dos alunos têm em comum uma trajetória atravessada por imposições, apagamentos e vulnerabilidades.

"Meu pai era professor, minha mãe era professora também [...] sempre fui um aluno destacado, sempre fui diferenciado da mediocridade" (M2)

"Meu pai pediu transferência [...] pra Manicoré, [...] nós éramos 9 irmãos, imagina. [...] E aí a gente não sabíamos falar português, não estávamos acompanhando o nível de escolaridade... um baque. [...] Aí começaram os preconceitos [...] não desenvolvesse nosso próprio aprendizado [...] passamos por mais uma dificuldade [...] Chegamos em Manaus... nós fomos pra lá, pro hotel, trabalhamos e meus 14, 15 e 16 anos eu passei trabalhando [...] não queria mais estudar. Parei, é. [...] Então, eu vim pra cá e comecei a estudar " (M3)

"Trabalhava de dia e estudava à noite [...] a gente criou o colegiado indígena do qual eu já comecei a atuar livremente de modo que já avançamos bastante [...] Se temos outro modelo de conhecimento, nós temos muito sim a contribuir em vários aspectos. [...] eu sou de uma geração que foi obrigada a negar a nossa cultura [...] minha educação veio dessas lógica, de imposição cultural" (D1)

"Sempre tive o desejo de estudar pra frente né [...] terceira processo seletivo, comecei a participar dos seminários, do núcleo, pra poder elaborar o projeto [...] passei, fui aprovado, passei 2 anos de mestrado com todo esforço, idade, doenças. [...] Pra doutorado, eu consegui pensar minha área mais na área da saúde [...] vim pra cá são 2 horas, e são quase 3 horas e meia pra chegar em casa." (D3)

"Eu estudei o ensino fundamental em Nova Olinda, mas boa parte foi, assim, parando porque a gente ia pra aldeia, passava 1 ano e voltava pro município [...] a gente veio pra capital em 2000 que foi quando comecei o ensino fundamental, atrasado [...] hoje a gente não tem essa dificuldade [...] Um salário mínimo naquela época era o que? 800, 700. Mas era isso, a gente vivia com isso, 5 filhos, foi complicado." (D4)

Chegada na universidade

Nesta unidade temática o relato de um estudante de mestrado demonstra um dos impactos que os alunos compartilham ao virem do seu território para cursar o ensino superior:

"Até meu ensino médio no Piraiuara, [...] passei a fazer um curso de pedagogia [...] fui trabalhar também [...] fiquei uma semana escrevendo o projeto... Quando foi no último dia eu parei e pensei em desistir ... tu não vê ninguém pra dar instrução. Até porque não é cultural nosso essa questão da escrita [...] Tem que falar o tempo todo em língua portuguesa e escrever o trabalho [...] tem que seguir o jeito deles, porque se não a gente não é inteligente, a gente é preguiçoso" (M1)

Conhecimento sobre permanência

Os alunos ao chegarem à universidade se deparam e começam a vivenciar outros tipos de dificuldades. Esta unidade temática refere-se ao questionamento se os alunos já tinham conhecimento sobre as problemáticas que envolvem a permanência estudantil no ensino superior público.

"Sim, sim. Quando a gente saí da nossa comunidade, já vem com a dificuldade financeira né? ... eu tive que estudar e trabalhar... você não consegue fazer um bom trabalho e de produzir, estudar" (D1)

"Sou parte do movimento indígena... eu refleti muito nas aulas, com os alunos, licenciaturas e com os professores, com as lideranças" (D2)

"Você não pensa a consequência [...] tem aquela vontade de ingressar, de melhorar... mas você esquece a estrutura que oferece" (D3)

"Desde a graduação eu venho trabalhando com políticas de permanência na universidade" (D4)

"Então, não. [...] os professores [...] Eles sempre tavam incentivando... aqui a realidade era diferente. Eles não contaram [...] Eles têm que falar [...] não ter nada que assegure sua permanência é complicado. Ainda mais um parente que tem toda uma vida lá naquele povo. E geralmente são esses caras que chegam aqui, não são simplesmente qualquer pessoa" (M1)

"Não pensava [...] Não tava... com essa preocupação com meus conterrâneos, totalmente fora. Pra mim, permanecer era terminar" (M3)

(II) Enfrentamentos para permanecer universitário

Dificuldades

Após o ingresso nos PPGs os estudantes relataram as dificuldades que encontraram para permanecerem universitários, como demonstra os relatos abaixo:

"Estar longe do nosso povo, uma vez que eu tô na liderança dentro da aldeia; [...] nós conversamos com o coordenador [...] ele falou "não, isso não tem nada a ver, aqui é exclusivo" [...] a gente já tem um trabalho lá. Isso que foi um choque muito grande pra mim. No começo também como eu não conhecia muita gente [...] alugou uma casa [...] Isso era só casa. Então lá eu dormi um mês no chão. Eu não recebia bolsa, eu não tinha emprego [...] depois de eu ter todo o conforto em casa, ser uma liderança dentro casa onde não faltava nada [...] foi... no final do ano passado que eu comecei a receber bolsa. Então não foi assim... rápido. [...] quando eu penso assim... dá vontade de ir embora, sabe? Esse aqui não é o nosso mundo" (M1)

"Eu não tive problema [...] PPGAS me adotou como filho e eu adotei [...] deveriam dar mais oportunidades para os indígenas [...] minha família está aqui [...] A família é um ponto muito importante para

manter além de qualquer programa que possa existir" (M2)

"Despreparada mesmo em relação ao ensino, despreparada psicologicamente. [...] além de eu pensar em desistir, eu pensei em não ir mesmo pra aula [...] E outra coisa é o estresse [...] situações assim muito ruins. E isso tava até me influenciado a ir mal nas minhas provas [...] Aí eu ficava me culpando [...] me diminuindo" (M3)

"Tive dificuldade no sentido de querer compreender melhor as teorias né, [...] colocar aquilo que você pensa na escrita" (D1)

"Frequentar disciplinas, frequentava no limite [...] dificuldades de não cumprir dentro dos prazos [...] eu não conseguia avançar na nossa orientação [...] aí ia me arrastando [...] Outros pensam que eu sei mais, na verdade eu também tô sofrendo do mesmo jeito que eles" (D2)

"Bolsa né [...] Deverá haver apoio, no caso, pra quem for a campo... o custo é maior [...] A bolsa é pra manutenção pessoal, familiar" (D3)

"Se eu não trabalhar, eu não recebo bolsa, se eu não trabalhar eu não consigo me manter na universidade... falta de tempo pra ler os textos que tem que ler, e pra escrever, e pra fazer a pesquisa de campo" (D4)

"Minha maior dificuldade é tempo, porque também se eu não trabalhar não tenho como comprar os livros, não tenho como me manter na pós-graduação. Existem as bolsas mas elas tão limitadas, a bolsa ainda não me alcança [...] vivendo com o mínimo eu consigo me manter com o ritmo acelerado na universidade" (D4)

Resistência

Nesta unidade temática os alunos compartilham as razões que os levam a continuar no curso mesmo com diferentes dificuldades. As razões que os fazem resistir neste espaço que não assegura uma permanência estudantil de qualidade.

"Sou um cara privilegiado porque eu sou o primeiro a chegar no mestrado de lá da nossa região, né... eu sei que eu não posso fracassar... isso vai ser muito negativo para o nosso povo. [...] privilegiado né por ter chegado a pesar de ter passado por isso... eu me sinto uma peneira... eles traçaram tudo isso. Essa peneira é uma construção deles. Do nosso povo. [...] É pra falar pro não-indígena" (M1)

"Sempre foi minha meu sonho estudar arte e não existe um mestrado em artes. [...] Eu não tenho nada pra falar do programa, eu me sinto muito feliz e orgulhoso" (M2)

"Não tô estudando pra mim. Claro que isso vai me ajudar diretamente, mas é tudo voltado pensando pra eles. Né? Pro nosso povo... quero terminar por causa disso... ter um diálogo mais de igual pra igual" (M1)

"Acredito que o estudo pode mudar a minha vida" (M2)

"Olha, primeiro eu quero ser um exemplo pras minhas irmãs, pra minha família e eu quero mostrar pra eles [...] que nós moradores da

cidade nós temos que estudar. [...] nós somos capazes, nós podemos ser profissionais... nós podemos servir a nossa comunidade" (M3)

"Então, tem várias possibilidades. [...] tudo que eu aprendo aqui eu utilizo e uso como instrumento pra eu pensar o meu pensamento, como indígena... aprender a construir instrumento de pesquisa, instrumento de pensamento, instrumento de escrita... isso que me motiva. [...] abriu a possibilidade de criar o centro de medicina que não existe no Brasil todo. Mas a [incompreensível] do meu título me possibilita a ousar" (D1)

"Nós temos que pensar é terminar esses cursos... como autoafirmação... Que se a gente desistir nós vamos dar o assunto pra outros continuarem criticando [...] serve como modelo" (D2)

"Minha mãe veio de uma família humilde, ela não fala português, mas ela falou... pra mim seria uma honra concluir essa pós-graduação... Eu quero mostrar... que nós podemos ser como outras pessoas também, ser intelectuais... Por mais que a gente encontre na vida acadêmica, dificuldades [...] vale a pena porque você se torna cada vez mais humano, cada vez mais compreende outra pessoa né. Eu tô nessa linha nessa busca. Nessa loucura acadêmica" (D3)

"A minha responsabilidade histórica. Porque eu sou o primeiro Munduruku da demarcação toda, a entrar no curso de doutorado. [...] Eu tenho um projeto na comunidade de revitalização da língua, faço parte também do projeto da FUNAI que é da língua viva, então eu escrevi o projeto festival que ocorre todos os anos na aldeia, então tudo que eles tem dificuldade na escrita... entram em contato comigo... o meu envolvimento é direto com a comunidade, e isso me faz ter responsabilidade" (D4)

Resoluções

Em conjunto com as razões para resistirem enquanto universitários, os alunos buscam e desenvolvem resoluções para as dificuldades que encontram no dia a dia, como demonstra os relatos abaixo:

"Quando eu terminei esse aí eu fui pra lá... dois dias só. E como eu tô envolvido na parte política como um todo. Venho chegar na cidade eles já vão passar pra mim [...] o segundo semestre, né, já foi mais bacana... participando de evento... terminar eu quero ir embora." (M1)

"O tempo e o amadurecimento fizeram com que eu veja o meu curso, o meu próprio projeto de outra maneira. [...] esse evento, o amadurecimento e o tempo que me fez refletir tudo isso né." (M3)

"Colocava na minha cabeça que tinha que fazer " (D1)

"Eu fazia... [...] atuo diretamente com os povos indígenas, eu não fico imaginando o que vou escrever, a questão é pensar qual ator" (D2)

"Quando você tem família [...] para te garantir da ida e volta, se torna possível [...] No meu caso foi dos meus pais. Em conjunto com os

familiares" (D3)

"Sofri, assim, condições financeiras, pegava ônibus, as vezes me faltava dinheiro pra pegar ônibus, aí sim [...] Com a bolsa eu consegui comprar passagem [...] através desse projeto, manter articulações com outras pessoas [...] me possibilitou entrar como estagiário na UEA [...] eu consegui até comprar, sei lá, acho que uma cama, um guarda-roupa, isso eu conseguia comprar pra me organizar melhor, e até livros, porque a grande dificuldade nossa, do estudante" (D4)

(III) Políticas afirmativas na perspectiva dos alunos pós-graduandos

Políticas institucionais

Refere-se ao olhar que os estudantes têm sobre as políticas de permanência da UFAM. Alguns alunos não conhecem as políticas e outros demonstram através de situações que vivem como as políticas são insuficientes:

"Não, não conheço" (M3)

"Só a bolsa [...] Passagem, alimentação e apoio de hospedagem, que deve ser uns 900 reais. Fora isso não tem. No nosso programa de pós-graduação tem bolsa porque faz parte do programa" (D1)

"Primeira é a política de acesso dos indígenas [...] Existem uma cota pra alguns cursos [...] Mas uma porcentagem muito pequena" (D2)

"Eu não tenho a mínima condições de dizer que eu sei." (D3)

"Ocorre aí a disponibilidade da bolsa ela é distribuída né, mas isso não é uma especificidade pra indígenas [...] Existe a cota." (D4)

Ao perguntar sobre as políticas de permanência de seus cursos e a sua suficiência, os alunos responderam que desconhecem, conhecem as políticas de acesso e bolsas. As bolsas são insuficientes para alguns alunos.

"Na verdade nunca me falaram isso, na verdade" (M2)

"Essa da permanência não. Não tô lembrada" (M3)

"Quando eu recebi bolsa de estudo eu fiquei muito feliz que isso possibilita você dedicar exclusivamente ao estudo [...] Não, não é suficiente mas ajuda, ajuda bastante, né?!" (D1)

"Tem essa política afirmativa de acesso. [...] pra se sustentar na universidade tem que pensar que ele vai ter que morar, vai ter que se alimentar, tem que ter é facilidade pra acesso aos materiais de estudo ... não estão contemplados na política afirmativa" (D2)

"Na área que eu tô fazendo, [...] não resolve o problema de todo mundo mas ela garante acesso a todos. [...] Apoio de moradia, educação, eu sei que existe na UFAM, mas isso pras pessoas da graduação" (D3)

"É, oferece bolsas [...] Depende da situação do estudante. [...] Mas a realidade de boa parte dos estudantes indígenas é que eles não tem

essa outra fonte, [...] realmente precisam do apoio da bolsa pra se manter" (D4)

Sugestões

Devido às próprias trajetórias de vida dos alunos enquanto estudantes serem resolutivas e resilientes para o enfrentamento das dificuldades, os alunos compartilharam algumas sugestões que podem ser adotadas pela universidade para a mudanças emergenciais na permanência estudantil, como demonstra os relatos abaixo:

"Não tem parente nenhum... vai precisar de bolsa [...] fazer um curso de língua. [...] aqui não tem nada de instituto voltado para questões indígenas. [...] nós somos invisíveis de alguma forma" (M1)

"Existir um apoio psicológico [...] a maioria dos indígenas vem de muito longe, vem deixando família, casa, costume e vem de uma cultura totalmente diferente [...] dar mais apoio aos indígenas" (M2)

"Precisei assim de certo apoio [...] eu sentia falta, mas pro lado das disciplinas, do apoio do PPGAS [...] Deveria ter uma forma... que pudesse agregar essas pessoas que estão chegando de outras áreas" (M3)

"Eu vejo que tem que melhorar mais, né?!" (D1)

"Os dois. [...] sobretudo políticas linguísticas que não tem. [...] pra manifestar uma linguagem compatível com a linguagem acadêmica [...] e também na língua deles né" (D4)

"Se não tiver a bolsa ele não vai conseguir. [...] muitos dos parentes indígenas que vem que já tem família, ele deixa tudo" (M1)

"Rodada de conversa [...] pra falar suas dificuldades. [...] É uma fase que a gente passa [...] principalmente no primeiro ano" (M3)

"Políticas de seleção diferenciado, implementar políticas de defesas... com outros mecanismos. Pensando um modelo de construção, um texto diferente e orientação" (D1)

"Emergencial... custo financeiro pra quem chega [...]" (D2)

"Algo de permanência [...] Garantir pelas resoluções, algum decreto [...] não somente emergencial, mas também de longo prazo." (D3)

"Curto prazo, são bolsas. [...] casa do estudante [...] dar conta de alimentação, passagem e moradia [...] E ônibus né [...] criar, fortalecer aquelas que já têm, que eu acho pouquíssimas, quase zero" (D4)

Propostas

Esta unidade temática refere-se às políticas que deveriam existir na perspectiva dos alunos que promovessem de fato mudanças significativas na UFAM e no Amazonas:

"Criar um instituto mesmo indígena, para pautar questão indígena. [...] estar discutindo nossas próprias políticas, aonde a gente poderia estar

trazendo pajé e outros conhecedores da nossa cultura [...] Dentro desse instituto tu vai criar outros programas que podem ta ajudando na permanência além da bolsa." (M1)

"Auditoria totalmente indígena deveriam abrir uma vice-reitoria [...] em São Gabriel da Cachoeira mas não sei. Eu sempre digo que está governado... por outras pessoas que não tem nada a ver" (M2)

"Ter casa de apoio pra que a gente possa ter uma segurança" (M3)

"Uma seleção diferenciada de acesso aos indígenas, ou quilombolas, ou ribeirinhos. [...] temos outra lógica, outra epistemologia. [...] Política afirmativa tem que levar em conta essas lógicas de epistemologia" (D1)

"Tem que implementar [...] deveria existir um mecanismo... mais rápido pra resolver [...] Recursos [...] fazer casas estudantil [...] política de ajuda, de custo pra materiais escolares, apostilas... Isso que não existe, a bolsa se você olhar bem ele não dá conta" (D2)

"Você não consegue ter acesso a informações, [...] É difícil porque a UFAM é muito pequeno, talvez publicar, ou jogar na mídia, no site da UFAM, facilitar pra ter acesso pras pessoas que precisam" (D3)

"Fortalecer essas políticas e criar mais bolsas... de moradia e de a política linguística [...] pra que esses indígenas possam desenvolver um bom texto na universidade" (D4)

"Essas políticas afirmativas eu acho muito bom, o problema é que... está indo por um mal caminho [...] inventaram colegiado lgbt, colegiado pardo, daqui a pouco vai ser colegiado hétero, colegiado branco" (M2)

"E aquela pessoa indígena que vem do interior sobrevive com uma renda de 1.500? Tendo que pagar aluguel, pagar água, pagar luz, transporte e alimento. E vestimentas? [...] será que há continuidade? [...] Eu acho que deveria ter esse apoio" (M3)

"A maior dificuldade é a morada" (D1)

"Eu não sei qual setor que seria pra fazer isso" (D2)

"Os programas de pós-graduação poderiam ter mais um impulso, mais energia, mais articulações, mais discussões" (D3)

"Bolsa, moradia, política linguística. [...] melhorar as ementas dos cursos, melhorar as propostas dos cursos de graduação também [...] atualize as referências pra discussão das políticas indígenas na universidade. [...] melhorar esse diálogo com os indígenas na universidade, sobretudo, combater o preconceito na universidade que os estudantes hoje ainda sofrem bastante" (D4)

"Eu digo que a universidade não está preparada pra receber alunos dife... de outras epistemologias. [...] entendesse a diferença, mudaria totalmente a perspectiva dela" (D1)

DISCUSSÃO

A partir dos relatos acima, exceto por um estudante, todos os alunos expressaram as vulnerabilidades que vivenciaram em seus percursos acadêmicos. Vulnerabilidades que decorrem de explorações, desvalorização, apagamento e invisibilizações. As mudanças culturais ao sair de maneira forçada do seu território e vir para outro totalmente diferente têm impactos psicossociais profundos, como bem demonstram as falas acima. As instituições que promovem aprendizagens importantes para potencialização do ser humano, também é um local de violência contra diversos grupos historicamente excluídos. Para que isso seja cada vez mais minimizado e extinguido, é necessário que a sociedade compreenda os mecanismos que foram e são construídos ao longo da história da humanidade para a existência de subjetividades hegemônicas. Para assim, desenvolver novas alternativas que reconheçam a pluralidade das identidade e atuando no combate às formas de violência existentes (PULINO, ET AL., 2016).

Mesmo com diferentes formas de dominação e exploração atravessando a vida destes alunos, os mesmos encontram motivos para continuarem alunos e romperem com ciclos e perfis hegemônicos. A razão mais recorrente na fala dos estudantes para resistirem neste espaço é ser um exemplo para família e comunidade como uma autoafirmação simbólica e real de que são capazes de serem qualquer coisa que desejam ser, mesmo com um sistema-mundo trabalhando contra você. Interesses, cognições, afetos e ações coletivas são cruciais para o sentimento de pertencimento. E é com este sentimento que se aumentam as chances de transformação social por conta da conscientização e mobilização sobre a realidade do grupo ao qual pertencem (FERREIRA; CALEGARE, 2019).

É a partir da conscientização dos lugares epistêmicos e sociais que os alunos podem conscientizar-se para além de teorias já consagradas por essa universidade e educação excludente. É preciso que os alunos protagonizem suas decisões e reivindicações, tendo voz para isso. É com a reflexão consciente do lugar ao qual pertence que será possível a constante articulação e desenvolvimento de estratégias para resistirem e existirem nesta sociedade hegemônica e hierárquica visando a transformação social (FERRO, 2018).

Por estarem conscientes sobre o cenário ao qual são impostos, uma das alternativas de transformação na UFAM proposta pelos alunos é a criação de espaços, como um instituto indígena, liderados por indígenas e para indígenas. Essa prática é comum em cidades com comunidades que têm diversidade étnica, pois os povos indígenas encontram objetivos e reivindicações comuns, articulando-se em movimentos coletivos para o acesso a direitos. É com a formação dos grupos que acontece a reivindicação, a interação e perpetuação de tradições. Resultando em pertencimentos, coletividade, práticas culturais e identidade étnica

(FERREIRA; CALEGARE, 2019). Portanto, essa reivindicação constante dos estudantes é uma alternativa outra para o fortalecimento da permanência estudantil. Além disso, os estudantes reivindicam o apoio institucional tanto na chegada na universidade, através do acolhimento quanto na sua constante permanência a partir de espaços que permitam que os estudantes se articulem coletivamente. Sendo assim, as políticas para os povos indígenas precisam estar de acordo com a realidade destes para que não gerem mais apagamento e sua presença seja valorizada na universidade (SANTOS; SANTOS, 2018)

4. Considerações finais

Nesta pesquisa foi possível ter um breve e limitado panorama da permanência estudantil indígena a partir da universidade tendo como representantes o Departamento de Políticas Afirmativas e as secretarias dos PPGs assim como a partir dos estudantes indígenas pós-graduandos. Por parte da universidade, constatamos que não há a padronização de informações ou o controle das mesmas, o que pode vir a ser o dificultador para a melhoria, acompanhamento ou desenvolvimento de novas ações afirmativas na universidade, impactando significativamente a vida dos estudantes indígenas. Por parte dos alunos, foi possível verificar a demonstração da trajetória de vida de cada estudante, que possuem diferentes realidades, povos e famílias, mas que compartilham das mesmas fontes de sofrimento. O apoio institucional no caso dos estudantes indígenas é fundamental para um satisfatório percurso acadêmico. Este apoio pode ser realizado de diferentes formas: informações sobre o ensino superior apresentando a importância e problemáticas dentro dos territórios e comunidades, acolhimento, acompanhamento e assegurar a permanência estudantil com políticas linguísticas, instituto indígena, fortalecimento de política já existentes e reconhecimento e valorização do ser indígena - seus modos de vida, cosmovisão e epistemologias, para transformação da universidade e seus atores. Apesar de todas as imposições e desvalorizações apresentadas neste trabalho e vivenciadas pelos alunos, estes têm orgulho do que são, buscam falar por si mesmos e superar as formas de discriminação social e racial desde a invasão do Brasil ocupando espaços de direito.

As pesquisas futuras podem focalizar na investigação com os Programas de Pós-Graduação e todas as instâncias que atuam nas políticas afirmativas na Universidade Federal do Amazonas visando identificar os interesses que fazem que a instituição não se interesse pelo perfil dos seus alunos e no aprofundamento da investigação sobre os motivos que levam os estudantes não se declararem indígenas ao longo de sua permanência ou não quererem participar de pesquisas que envolvam a temática indígena

Referências

- ANGNES, J. S. et al. A permanência e a conclusão no ensino superior: O que dizem os Índios da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) – Brasil. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, [S.L], v.25, n. 6, p. 1-34. Janeiro, 2017.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Ed. 70, p. 229, São Paulo, 2011.
- BELTRÃO, J. F.; CUNHA M. J. S. Resposta à diversidade: políticas afirmativas para povos tradicionais, a experiência da universidade federal do Pará. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 10-3. Jul./Dez., 2011.
- BERGAMASCHI, M. A.; DOEBBER B. M.; BRITO, P. O. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. *Rev. bras. Estud. pedagóg.*, Brasília, v. 99, n. 251, p.37-53. Jan./Abr., 2018.
- CALEGARE, M. G. A.; MENEZES, T. F.; FERNANDES, F. O. P. Pós-graduandos indígenas da UFAM: seus pontos de vista sobre os ppgs, teorias acadêmicas e incentivos institucionais. *Rev. AMAzônica*, [S.L], v. 19, n. 1, p.350-373. Jan./Jun., 2017.
- CASSANDRE, M. P.; AMARAL W. R.; SILVA, A. Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Artigo 10. Abr./Jun., 2016.
- BÓ, T. L. Dal'. **A presença de estudantes indígenas nas universidades: entre ações afirmativas e composições de modos de conhecer**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- DAVID, M.; MELO M. L.; MALHEIRO J. M. S. Desafios do currículo multicultural na educação superior para indígenas. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 111-125, Jan./Mar., 2013.
- FERNANDES, F. O. P. et al. The macro cultural psychology understanding of the constitution of a Yepa Mahsã person. **Culture & Psychology**, v. 27, n. 2, p. 243-257, 2021.
- FERREIRA, M. S; CALEGARE M. G. A. Debates psicopolíticos sobre indígenas em contexto de cidade. *Rev. Polis e Psique*, v. 9(1), p. 72 – 90.
- FERES JR, J.; DAFLON, V. T.. Ação afirmativa na Índia e no Brasil: um estudo sobre a retórica acadêmica. **Sociologias**, v. 17, p. 92-123, 2015.
- FERRO, L. F. A Presença/ausência do índio na pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe: Entre tensões e o direito de seguir além da aldeia. Dissertação (Dissertação em educação) – UFS. Sergipe, 2018

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GODOY, D. B. O. A.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Vozes Ameríndias na universidade pública inclusiva. *Cadernos CIMEAC* v. 6, n. 2, p. 15-38, 2016

HERBETTA, A. F.; NAZARENO, E. Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas. *Tellus*, v. 20, n. 41, p. 57-82, 2020

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais – organização, notas e tradução de Fernando de Lacerda Júnior. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MOURA, M. R. S.; TAMBORIL, M. I. B.. “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, p. 593-601, 2018.

OLIVEIRA, I. A.; MAIA, L. M.; LIMA, T. J. S. Cotas raciais na universidade: uma revisão integrativa da Psicologia brasileira. *Revista Subjetividades*, n. 20 (Esp. 1), e9337, 2020.

OLIVEN, A. C.; BELLO, L. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 49, p. 339- 374, set., 2017.

PEREIRA, G. F., S. F.; AMARAL, W. R.; BILAR, J. A. B.. A experiência de estar na universidade sob a ótica de uma indígena estudante da pós-graduação. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, n. 28, v. 158, p. 01-18, 2020

PULINO, L. H. C. Z (org). Educação e diversidade cultural. Brasília: Paralelo, 2016.

SANT’ R.; SANTOS, A. F. A Presença indígena nos territórios: das aldeias às universidade, e vice-versa. Dissertação (Dissertação em antropologia) – UFSC, Florianópolis, 2018.

SARAIVA, L. A. S.; NUNES A. S. A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. *Rev. Adm. Púb.*, Rio de Janeiro, v.45, n. 4, p. 941-64., Jul./Ago., 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Política de Ações Afirmativas da Universidade Federal do Amazonas. 2014. Disponível em: <<https://ufam.edu.br/attachments/article/3892/Documento%20GT%20A%20C%20A7%20C%20B5e%20Afirmativas.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019. UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Resolução no010/2016-Consepe.

Política de ações afirmativas para pretos, pardos e indígenas na pós-graduação stricto sensu da UFAM. Disponível em: <<https://www.ppgpsi.ufam.edu.br/normativas.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

VIANA, I.; MAHEIRIE, K. (2017). Identidades em reinvenção: o fortalecimento coletivo de estudantes indígenas no meio universitário. *Revista Polis e Psique*, v. 7, n. 3, p. 224-249, 2017.

VENTURINI, A. N.; FERES JR., J. Políticas de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas. *Cad. Pesqui.*, v. 80, n. 177, p. 882-909, 2020